



PSICANÁLISE

Paula Nogueira Komniski

A travessia da maternidade

Blucher

A TRAVESSIA DA MATERNIDADE

Paula Nogueira Komniski

A travessia da maternidade
© 2023 Paula Nogueira Komniski
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim
Coordenação editorial Addressa Lira
Produção editorial Helena Miranda
Preparação de texto Maurício Katayama
Diagramação Alessandra de Proença
Revisão de texto Juliana Morais
Capa Leandro Cunha
Imagem de capa L'Origine du monde, de Gustave Courbet
(1866), óleo sobre tela, 46 × 55

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Komniski, Paula Nogueira
A travessia da maternidade / Paula Nogueira
Komniski. – São Paulo : Blucher, 2023.
270 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5506-591-6

1. Psicologia 2. Maternidade I. Título

23-3866 CDD 155.6463

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicologia – Maternidade

Conteúdo

Prefácio: um bebê nasce, em uma mãe e na história	13
Apresentação	17
Introdução	21
1. Nascer e morrer: dar à luz os paradoxos	43
2. O que a cesárea corta	81
3. Nascimento: cesura, costura e o umbigo como cicatriz	117
4. Nascimento: castração, cataclisma, catástrofe	141
5. O tempo e o ritmo: a entrada do bebê na órbita materna	169
6. O nascimento e a clínica psicanalítica: vir à luz, desvelar	211
Considerações finais	243
Referências	255

1. Nascer e morrer: dar à luz os paradoxos

No primeiro dia, a gente conseguiu que não dessem banho nele, porque eu queria que ficasse o vérnix. No segundo dia, foi impossível dialogar com aquelas mulheres [enfermeiras], que entravam todo o tempo. Entravam assim, nem bate na porta, vai entrando, vai saindo. Aí eu sei que chegou uma hora que estava a seguinte cena: ela [enfermeira] veio pra ensinar a gente a dar banho, então ela pegou o Luiz e quando eu vi ele era um frango, que ela enfiava num negócio e falava: “não, ele gosta de chorar”, e ele se esgoelando. Daí, veio uma outra mulher [enfermeira] que entrou, pegou meu peito, começou a espremer pra ver se tinha leite. Eu falei, “gente, ali tá um frango e aqui tá uma vaca”, porque aqui não tem nenhuma pessoa, aqui não tem uma pessoa, não tem uma pessoa. (Telma, mãe de Luiz, de 1 ano de idade)

Como falar, no contexto do nascimento, de violência, falta de respeito, comportamentos invasivos, excessos, em se tratando de um momento marcado, supostamente, por idealizações e cuidado? Mais ainda, como falar de ambivalência, ódio, sofrimento, se sabemos, desde Freud, que o objeto do primeiro e do mais forte dos amores é, para ambos os sexos, a mãe? Neste contexto de excessos e manifestações inconscientes fortes e, por vezes, avassaladoras, cabe perguntar em que consistiria isso que denominamos de amor primordial e, mais do que isso, se o investimento no objeto não estaria profundamente ligado às questões narcísicas, de desejo de mudança e transformação da própria história. Refiro-me aqui à mãe (em função do recorte feito neste trabalho), mas, obviamente, tal questionamento se aplica também à figura paterna.

Essas reflexões trazem à luz o significado do que, em psicanálise, chamamos de amor primário. Colocar em questão a maneira como este é vivido nos permite abrir caminhos para refletir sobre as ligações entre amor e ódio, questões de desejo e sua realização, de destino do arcaico, considerando também o objeto,¹ que pode, inclusive, ser decepcionante.

A partir de tais considerações exploro, neste capítulo, os possíveis sentidos disto que chamamos corriqueiramente de amor materno, mas levando em conta o ódio e a ambivalência que também se fazem presentes no encontro e na experiência humana. Além disso, abordo as defesas que podem se organizar no psiquismo do entorno das equipes que participam dos procedimentos e cuidados que envolvem o nascimento, tal qual podemos observar na fala de Telma, ao

1 Em psicanálise, o termo refere-se ao objeto de investimento afetivo. Neste caso, o bebê que já foi fantasiado e sonhado durante a gestação agora se materializa neste receptáculo das projeções dos pais. É preciso lembrar, no entanto, que a criança que acaba de chegar não corresponde, obviamente, àquela das fantasias parentais, quando ainda se encontrava protegida no ventre materno.

descrever o comportamento das enfermeiras durante sua estadia no hospital no contexto do nascimento do filho.

Se formos falar de amor, precisaremos falar de ódio

As crianças chatas

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho que está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele diz: não posso, estou com fome. Ela repete exasperadamente: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? – pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta. (Clarice Lispector, 1967)

Badinter (1985), em um trabalho relevante e, é preciso dizer, essencial para pensarmos as relações primárias, revisita o tema do amor no reino humano e é categórica ao afirmar que, nesse contexto, tal sentimento não é simplesmente uma norma:

Nele intervêm numerosos fatores que não a respeitam. Ao contrário do reino animal, imerso na natureza e submetido ao seu determinismo, o humano – no caso, a mulher – é um ser histórico, o único vivente dotado da faculdade de simbolizar, o que o põe acima da esfera propriamente

animal. Esse ser de desejo é sempre particular e diferente de todos os outros. Que os biólogos me perdoem a audácia, mas sou dos que pensam que o inconsciente da mulher predomina amplamente sobre os seus processos hormonais. Aliás, sabemos que a amamentação ao seio e os gritos do recém-nascido estão longe de provocar em todas as mães as mesmas atitudes. (p. 16)

Marina, mãe de Carla (4 anos) e Tiago (1 ano e meio), ao relatar o início da amamentação do filho, coloca, em palavras e em experiência, o que Badinter busca desconstruir, ao tratar de forma singular e humana do início da construção do vínculo da mãe com seu bebê:

Mas eu tinha que dar de mamar, eu precisava dar de mamar e aí eu lembro dele vir mamar, agora eu não lembro qual era, mas tinha um peito que estava muito machucado e eu lembro dele vir e eu começar a hiperventilar. Porque doía muito, doía muito... Depois que ele pegava, passava alguns segundos de muita dor. Em seguida dava tudo certo, até esquentar ali. Então eu começava a ficar muito nervosa, daí não podia ter ninguém em volta: “não, sai todo mundo, sai todo mundo...” Não conseguia falar... E aí o meu marido trazia ele, daí eu preparava, daí às vezes eu falava: “não, tira, tira!” Daí, daqui a pouco ele voltava: “agora vem, agora vem, eu tô concentrada. Puta que pariu!” Aí mamava, ele ficava um tempão, mas assim, foi difícil amamentar. Amamentar foi difícil pra caramba. Muito difícil.

Marina tem clareza quanto a seu desejo de amamentar o filho. Segue firme em seu propósito de “precisar dar de mamar” – fala que explicita o desejo que se mistura à necessidade e àquilo que acredita

que é o melhor para seu bebê (assim como para ela como mãe). Mas expressa também os desafios humanos de tal tarefa, ao se deparar com a dor – dor que, por vezes, a desorganiza, confunde e desconstrói a idealização. Depois de muito sofrimento, de considerar desistir, de chorar sozinha diante do dilema, descobre uma pomada à base de gordura de picanha que restaura seus mamilos e permite, finalmente, a amamentação sem dor. Depois dessa descoberta milagrosa, espalha a notícia e se propõe a explicar o preparo para todas as mulheres que conhece e que sabe que estão passando pela mesma situação. É preciso ser solidária. Só quem sofreu o dilema da dor sabe que amamentar não é tão natural ou simples quanto parece. A culpa, a sensação de fracasso, de incompetência e impotência, misturada ao desejo de conseguir, mais o medo do julgamento externo levam a mulher a viver silenciosamente o dilema entre aquilo que planejou, sonhou e idealizou e a imposição da realidade por vezes imprevisível e excessivamente dolorosa.

De acordo com Kehl (1928/2008), se considerarmos o quão recente é, para as mulheres, a possibilidade de separação entre vida amorosa, vida sexual e procriação, observamos que, não faz muito tempo, as mulheres tinham como função central de suas vidas o papel da maternidade. Cabe pensar como o tabu da virgindade, presente há até pouco tempo como elemento importante nos núcleos familiares tradicionais, seria responsável por manter as mulheres e a sexualidade feminina circunscritas a limites institucionais, sendo tratada, até bem recentemente, como algo da ordem da procriação.

A discussão mais atual que ilustra a forma como lidamos com temas como sexualidade feminina e maternidade pode ser representada pela grande dificuldade de se fazer uma discussão justa e aberta sobre o tema do aborto no Brasil. Ou se considerarmos que ainda se discute se mulheres e homens têm direito a receber o mesmo salário, uma vez que elas engravidam.

São, de fato, temas que se interligam e nos fazem pensar que não podemos analisar os fenômenos humanos observando-os de um único ponto de vista: falar de nascimento é falar do feminino, é falar, em termos histórico-sociológicos, de feminismo, de neurose e de mudanças radicais que, no limite, implicam morte e luto. Vemos, nesse sentido, alguns dos paradoxos que se manifestam no nascimento de uma criança, observados, por exemplo, no comportamento claramente defensivo de uma enfermeira que, ao se propor a demonstrar aos pais como dar um primeiro banho no bebê, se afasta emocionalmente da cena, deixando prevalecer somente a técnica. O que podemos inferir, a partir do relato da mãe, é que o bebê é um mero objeto, ou melhor, “um frango”. Afinal, tratá-lo levando em conta sua subjetividade, bem como sua dependência absoluta, pode se converter em um contato excessivamente ameaçador, tal a fragilidade que representa, tamanha a demanda de cuidado e investimento que exige.

Podemos pensar que, talvez, para a enfermeira, a tarefa que envolve olhar, acolher, preocupar-se com o choro e a singularidade deve estar circunscrita aos pais, para os quais ela provavelmente também não se sente em condições de olhar. Talvez porque, do lado deles, também há fragilidade, bem como uma sequência de não saberes, de angústias, de elementos humanos transgeracionais reativados com a chegada do novo que demanda, convoca e exige: atenção, cuidado, presença, disponibilidade.

Ao levar em consideração os aspectos histórico-sociológicos que marcam a forma de nascer e que, conseqüentemente, farão parte da tecelagem da existência humana, parto do princípio de que o nascimento é um evento que conjuga natureza e cultura. Trata-se de um acontecimento fisiológico, mas que, em se tratando da condição humana, deve ser tratado como um evento psíquico, no qual se observa uma tensão de resistência que não se resolve nem no biológico nem no social. Assim, isso que parece tão natural precisa encontrar

um sentido para que não se torne mortífero: nascer e fazer nascer, no reino humano, é também subverter a natureza. Por subversão da natureza podemos retomar a cena da mãe que deseja amamentar, mas sofre de dor e não consegue simplesmente abrir mão de fazê-lo. A culpa, a vergonha, a sensação de fracasso são elementos que a invadem e complexificam sua decisão. Ou, ainda, se considerarmos, por exemplo, o número significativo de depressões pós-parto que atingem as mulheres neste momento da vida.

Para ilustrar tal pensamento, cito alguns dados: segundo Hartman, Mendoza-Sassi e Cesar (2017), há uma variação de prevalência dos quadros depressivos entre os países, sendo as taxas mais elevadas encontradas nos lugares menos desenvolvidos. Em países em desenvolvimento, o número pode chegar a 20% e, nos mais desenvolvidos, varia entre 5% e 30%. No Brasil, segundo os autores, estudos realizados indicam que entre 30% e 40% das mulheres atendidas em unidades básicas de saúde apresentaram sintomas depressivos.

Ou seja, esse evento que, em princípio, é um acontecimento biológico, de perpetuação da espécie, é marcado, entre outros fatores, por um quadro psíquico importante, que atinge um número significativo da população. Parece, pois, relevante buscar possíveis relações entre a forma como se dá o acolhimento do bebê e os cuidados a ele oferecidos e a história de vida da mãe (e do pai) – fatores que influenciam os movimentos psíquicos observados no pós-parto (para citar um dos elementos da tal tecelagem da existência humana a que me referi anteriormente). O que quero dizer é que, ao revermos a naturalidade desse evento, abrimos espaço para questionar como se dará o laço entre a mãe (e o pai) e seu bebê, para além do elemento biológico, desconstruindo a ideia de que a disponibilidade e o cuidado ocorrerão de forma natural e instintiva.

É essencial também levarmos em conta os efeitos da contemporaneidade, do estilo de vida e das mudanças sociais aos quais as mu-

lheres devem fazer face na atualidade. Tais fatores têm impacto direto na relação com o bebê, uma vez que o conceito de tempo, de espera, assim como o ritmo de vida são fenômenos muito marcantes nessa fase inicial da existência, ao mesmo tempo que têm se transformado radicalmente, trazendo novas convocações ao psiquismo humano.

Prat (2008/2018), ao se referir à maternidade, afirma que isso que podemos chamar de trauma pode se dar em vários estágios, mas seu significado geral tem a ver com o fato de que, ao nos tornarmos pais, somos confrontados com uma responsabilidade total e definitiva, da qual não podemos escapar. Mais do que isso, tal convocação submete o psiquismo da mulher a uma carga emocional muito particular, que deve ser observada com atenção. Ou seja, a escuta atenta dos relatos, a observação da cena do nascimento, o olhar para a dinâmica que se instala entre a mãe e o bebê, como também entre o casal, me parecem exercícios ricos e essenciais para a compreensão e o aprofundamento desses movimentos psíquicos. Há, de fato, muito ainda o que aprender sobre o ato de dar à luz entre os humanos, de modo que possamos desnaturalizá-lo e, com isso, oferecermos o cuidado e a escuta necessários.

O relato de Telma sobre os primeiros minutos de encontro com o filho parece ilustrar isto que chamo de necessidade de desnaturalização do nascimento e do que se entende, genericamente, como amor materno:

E aí a médica abriu o pano e me deu ele e ele logo parou de chorar. E daí eu olhei pra ele e a primeira coisa que eu pensei foi: então é você que estava lá dentro? Seja bem-vindo ao mundo. Tô aqui e a gente vai criar esse caminho juntos. E daí logo no segundo seguinte eu olhei e falei assim: ele tá roxo! Eu não sabia que os bebês nasciam roxos. Eu sei muito pouco sobre bebês, entendeu?

Meu Deus, eu esperei demais, eu não consegui fazer meu bebê nascer bem. Aquela culpa, né? E aí eu voltei pra casa com ele assim, mas sabe aquele negócio, assim, ah, eu vi ele e foi um amor, um amor excepcional e eu comecei a chorar de amor e tal. Nada disso aconteceu comigo, apesar do discurso da minha mãe sobre mim ser esse. Comigo nada disso aconteceu. Eu vi, eu dei as boas-vindas pra ele, eu falei eu tô aqui pra te cuidar, a gente tá aqui pra se cuidar, a gente vai se conhecer e tal, mas não sabemos o que vai acontecer...

Telma admite o não saber e, mais do que isso, reconhece o susto, o impacto do primeiro contato com um bebê com cores de um ser que ainda não respira de forma autônoma. Fala de sua fantasia de não ter sido capaz de produzir um bebê saudável, uma vez que nasceu “roxo”. Pensamentos que a invadem nos milésimos de segundo iniciais que marcam seu primeiro encontro com o bebezinho que sai de suas entranhas e que, ao parar de chorar, ao se aproximar da mãe, dá sinais de já a reconhecer. Admite, também, que não sabe ainda muito bem definir o que sente nesses momentos iniciais, mas se dispõe a cuidar e ser cuidada, deixando em aberto o espaço para a construção da relação e abrindo mão das idealizações.

Telma diz se reconhecer como artista desde sempre, e em seu relato aparece uma sensação persistente, que a acompanha ao longo da vida, de não saber fazer as coisas direito, diante de uma mãe prática e controladora. Em seu processo criativo e livre, o controle invasivo da mãe sempre surge como elemento que incapacita, invalida e sufoca. No discurso da mãe, segundo me conta, tudo que ela (Telma) faz sempre pode ser feito melhor ou de outra forma. E, na gestação, tais fantasias tomam forma ao imaginar que não seria capaz de gestar um bebê inteiro, saudável. Imaginava um bebê com algum membro faltando ou com alguma síndrome. Quando nada

disso se concretiza, e o bebê finalmente nasce e vem para seus braços, a cor passa a ser o elemento de pavor que a invade. Ela precisa de tempo pra acreditar que está tudo bem. Ela vai precisar de tempo para construir sua condição de mãe.

Seria a gestação outra forma de submissão do corpo feminino?

A histeria, sofrimento psíquico que impulsiona o surgimento da psicanálise, tem como raiz a sexualidade feminina. Frutos da repressão, as insatisfações e seus consequentes desdobramentos neuróticos puderam, finalmente, ser comunicados e tratados. Se tomarmos o corpo feminino como lugar de representação, a partir dos sintomas conversivos, devemos observá-lo e tratá-lo considerando, também, o fato de que é nesse mesmo corpo que outra vida é gerada e gestada: corpo como lugar de sintoma, corpo que se presta à procriação. Fato que pode nos levar a conceber a gestação de um bebê como mais uma forma de submissão desse corpo.

Iaconelli (2013) retoma os elementos antropológicos relacionados à questão do feminino e da maternidade atentando para o fato de que o equilíbrio demográfico dos povos, para citar um exemplo, era uma questão de sobrevivência que concernia ao grupo como um todo, não estando restrito aos interesses individuais:

ou seja, quando e com quem conceber são situações cuidadosamente normatizadas e administradas. A virgindade, a abstinência, os contratos maritais, o aborto e o infanticídio sempre foram práticas rigidamente observadas em todas as épocas e em todos os grupos sociais, sendo o poder sobre o corpo da mulher a forma fundamental de se fazer tal controle. (p. 31)

A autora recorre a Françoise Héritier (2005), antropóloga francesa, em um livro no qual explora os sentidos das diferenças entre os sexos e questiona as razões que teriam levado à supremacia masculina como regra, ao longo da história humana. Para Héritier, a reprodução e, sobretudo, suas diferentes funções teriam sido elementos fundamentais para a manutenção do poder masculino em detrimento do feminino. Além disso, a fecundidade feminina teria sempre sido controlada e apropriada pelo domínio masculino.

Tal digressão antropológica é significativa, pois acrescenta um elemento problematizador do nascimento, uma vez que nos aproxima, historicamente, dos diversos sentidos que a reprodução, os cuidados e a relação de dependência do bebê podem ter para a mulher. Parece, então, pertinente buscar desconstruir a ideia de que o nascimento e a relação de dependência possam ser tratados como acontecimentos simplesmente naturais e fisiológicos, considerando que o ser humano, constituído na e pela linguagem, subverte constantemente as leis e a lógica da natureza.

Já Elisabeth Badinter (1985) propõe que o amor materno é um mito; a autora diz que os defensores do amor materno são os mesmos que acreditam que a existência humana só se modifica em sua superfície.

A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, a mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. (p. 15)

De um ponto de vista psicanalítico e levando em conta a ética do trabalho em saúde mental, é nossa tarefa revolver as bases originárias da maternidade, considerando o peso das ideologias sobre o casal, sobre

a família e, especificamente neste trabalho, sobre a figura feminina e o elemento biológico e constitutivo de procriar, gestar, cuidar, maternar, amar (e/ou não amar) o filho que nasce. Ainda segundo Badinter, temos, enquanto psicanalistas, o dever de deixar a universalidade e a necessidade circunscritas ao reino animal. Nossa tarefa é admitir que “a contingência e o particular são o apanágio do homem” (p. 16).

Kehl (2008) lembra que a constelação edípica é uma estrutura psíquica que tem como base os elementos históricos e sociológicos das organizações familiares do século XIX. Ou seja, em um modelo patriarcal no qual as mulheres ficavam atadas, historicamente, à tarefa de gestar e cuidar das crianças, restava-lhes o gozo de criarem filhos dependentes. A autora lembra ainda que essa relação perdurava para muito além da fase da dependência necessária para a constituição psíquica do sujeito. Ou seja, esta mãe, detentora de todos os objetos de satisfação, acabava ocupando um lugar de muito poder, uma vez que não lhe restavam interesses que a permitissem abrir os caminhos para que os filhos pudessem se desenvolver e cortassem, por eles mesmos, o cordão umbilical imaginário que os atava simbolicamente à figura que lhes deu a vida.

Tal reflexão nos permite uma aproximação de uma proposição que aparece e reaparece na obra freudiana, mas cuja conceituação permanece indefinida: a noção de domínio, cujo termo alemão é *Bemächtigungstrieb*.

O domínio do objeto e as amarras do corpo e da alma

Os mitos concedem às mães o poder de assegurar a fecundidade da terra e, em seguida, da raça humana, mas nem sempre conseguem explicitar o domínio que a mãe pode exercer sobre aqueles a quem ela

deu a vida – é o que nos diz Couchard. O termo, segundo a autora, foi, em princípio, traduzido como “instinto de possessão” ou ainda “pulsão de controle”.

Laplanche e Pontalis (2004) denunciam certa imprecisão nas duas expressões e propõem uma tradução que consideram mais fiel, a de *pulsão de dominação*:

denominação utilizada em algumas ocasiões por Freud, sem que seu emprego possa ser codificado com precisão. Freud a entende como sendo uma pulsão não sexual, que só secundariamente se une à sexualidade e cuja meta é dominar o objeto pela força. (p. 398)

Segundo Couchard (2003), a noção aparece sob diferentes formas na obra freudiana, adquirindo, a partir de 1920, um aspecto mais trágico, ao ser articulada à pulsão de morte, por meio do sadismo que impulsiona o indivíduo a dominar o objeto no ato sexual. Para a autora, o sadismo encontra sua exacerbação no contexto de certos estados amorosos, nos quais o desejo de domínio flerta perigosamente com a pulsão de destruição, em um sonho de fusão e separação megalomaniaca. Afirma ainda que a relação intrínseca entre amor e ódio comparece em um sem-número de obras literárias, e faz uma provocação, ao constatar que uma “censura protetora” se apressou em classificá-las nos infernos das bibliotecas. Diz ainda que os estudos clínicos acerca do tema tendem, com frequência, a destacar somente os aspectos psicopatológicos, o que garante uma cisão asseguradora entre um comportamento amoroso considerado “normal”, em contraposição àquele infiltrado por fantasmas perversos.

A autora segue, afirmando que é preciso fazer justiça quanto aos estudos a respeito da pulsão destrutiva e sua relação com a maternidade, uma vez que tais trabalhos se devem a uma analista bem

esquecida, mas cujos escritos testemunham que ela foi a primeira, ainda em 1911, a demonstrar uma ligação inextrincável entre pulsão erótica e pulsão de morte. Sabrina Spilrein, objeto de forte rivalidade entre Jung e Freud, apoia-se em exemplos clínicos e faz uso de ilustrações mitológicas para explorar o tema da ambivalência, sentimento sempre presente na relação dos pais com os filhos. Segundo Couchard (2003), ao lermos a análise feita por Spilrein, sentimos o impacto da angústia contida na imagem da maternidade, pois para a mulher, bem mais do que para o homem, seu destino de mãe é responsável por lhe render a morte familiar e a maternidade a impulsiona, inevitavelmente, na direção da morte. “Nossos descendentes tornam-se assim nossos mais temíveis inimigos e nós nunca os alcançaremos, porque eles sobreviverão a nós e terminarão por remover o poder de nossas mãos enfraquecidas” (Spilrein, 1981, p. 214, tradução nossa).

Telma, durante a entrevista, traz elementos significativos de sua história familiar e de seu processo de elaboração, ao longo de um trabalho terapêutico anterior à gestação, no qual compreende e integra aspectos significativos de sua história. Entre eles, menciona um quadro de menopausa precoce que acomete as mulheres da família e o difícil tratamento pelo qual ela e a irmã passaram para conseguir engravidar.

E daí, nessa terapia eu entendi o seguinte: a minha mãe, quando ela nasceu, ela... não era um bebê querido. Não foi uma pessoa que a mãe dela desejou. A mãe dela dizia pra ela coisas do tipo: “ah, eu só engravidei de você porque assim eu não tinha mais que ir pra casa da minha sogra. Você só existe no mundo pra atrapalhar a vida das pessoas”. Enfim, é um show de horror essa mulher que foi a mãe da minha mãe. Que deve ter sido uma mulher bem mal-amada também.

E durante todos esses anos que a mãe da minha mãe viveu, ela [a mãe de Telma] ficou tentando obter o amor

dessa mulher... que ela nunca obteve, porque a mulher cagava pra ela. E daí o que ela fez, ela se casou com um cara que cagava pra ela que nem os pais. Escolheu o cara que não dava a mínima pra ela [Telma se refere a seu pai]. E quando ela ficou grávida de mim, eu... era aquela pessoa que tinha que fazer ela feliz, porque ela não tinha encontrado isso na mãe, nem no pai, nem no esposo... e daí ela fez uma pessoa pra conseguir tapar esse buraco, entendeu? Então, desde bebê, eu era “supposed to” cuidar da minha mãe. Ela esperava que eu que amasse ela e que dessa a acolhida que... cuidasse dela como um bebê, entendeu? Só que nisso, eu nunca fui acolhida, porque eu não tinha capacidade emocional nem psíquica de fornecer isso pra minha mãe. Então... eu sempre me senti uma má filha, porque ela me olhava como se eu fosse uma pessoa que não desse o amor pra ela que ela esperava. Primeiro que assim, minha mãe é uma pessoa que nem acha que merece amor, porque a mãe dela ensinou isso pra ela. Então a forma que ela tinha de estabelecer essa conexão de amor, era de fazer com que... ela faz com que a outra pessoa se sinta na obrigação de devolver alguma coisa que ela deu. Ela faz as coisas, mas ela sempre te atira na cara, porque daí você se sente mal, porque você não é espontâneo em... Na verdade isso não é amor. Porque amor pra mim é deixar fluir. Você ampara e deixa fluir. O que ela faz é que ela agarra e tenta segurar o mais apertadinho possível. E eu acho que eu senti isso muito, desde sempre.

Ao contar a história de seu filho, Telma retoma sua própria origem, sua própria história de concepção e, inevitavelmente, a relação com sua mãe. Relação na qual se sente usurpada de sua subjetividade, ficando atada às fantasias da mãe, que influenciam e marcam sua

capacidade de se sentir livre para viver suas experiências, sem culpa e sem medo. Vemos o domínio exercido pela mãe, impresso na forma como Telma compreende e internaliza aquilo que recebeu. Conta, ao longo da entrevista, sobre o suicídio da avó materna, a tentativa de suicídio da mãe e, em seguida, sobre sua própria tentativa de tirar a vida, numa repetição da dificuldade de encontrar sentido em sua existência, fora deste ciclo de violência, dominação e falta de investimento amoroso.

Ao descrever o tratamento recebido na maternidade logo após o parto, refere-se à cena dizendo que ali não havia seres humanos: ela era uma vaca e o filho um frango. Sensível às intrusões, sensível pela nova condição que começava a se instalar em sua vida e em seu psiquismo, Telma viu-se à mercê das mãos invasivas das enfermeiras e com claras dificuldades para se proteger e proteger seu bebê.

Atada ao discurso materno, que invalidava, de maneira constante, sua individualidade e, inevitavelmente, sua criatividade, Telma precisa lutar de forma árdua para se libertar desse lugar “apertadinho” no qual a mãe insistia em colocá-la. Vive uma aridez relacional que deixa, como sintoma no corpo, uma menopausa precoce herdada das gerações anteriores.

Para Lima (2010),

cabe lembrar que na história entre mãe e filha, quando esta se torna muito complicada, mais conflitiva, não há vítimas nem algozes, apenas desencontro, desamparo, tristeza e vazio. Existem mães deprimidas, enlutadas, frustradas, incompreendidas pelas próprias mães, avós de suas filhas. Há uma ligação de tristeza que abrange pelo menos três gerações (avó, mãe e filha), dor e frustração de não ter sido amada, reconhecida e até mesmo odiada. (p. 68)

Ao retomar sua travessia pela maternidade, Telma acessa os sentidos dessa experiência que foram sendo construídos durante sua luta para conseguir ser fértil e agora, mais precisamente, para conseguir ser mãe:

E eu liguei com umas coisas de passar por todo esse deserto. Esse deserto que minha mãe incutiu em nós. Porque para minha mãe, a forma de ela proteger a gente era não nos deixando viver, porque daí não deixando a gente viver, a gente tava sempre segura lá... Então tinha uma coisa de não poder... assim, não pode passar daqui. Então a gente não podia crescer, a gente não podia... viver, a gente não tinha nada, pra... pra ela ter o controle. Uma pessoa que gosta de ter o controle. Então tinha esse deserto: a gente não podia ser mãe, ela sempre falou assim: “eu não estou preparada pra ser avó”. Então não tinha esse espaço, tinha realmente uma secura. Eu não duvido que todo esse problema hormonal que a gente teve, tem muito desse negócio psicológico, dessa mãe... que não deixava a gente ser fértil. Então essa história da minha família termina com os dois meninos [ela se refere ao filho e ao sobrinho, que nascem com poucos meses de diferença]. O Luís pra mim, eu até queria chamá-lo de um nome cujo significado é luz. Porque é essa transmutação, essa chance de fazer tudo de novo, de barrar.

Ao contar sobre a menopausa precoce que atinge as mulheres da família e que começava a se manifestar nela e na irmã antes de conseguirem engravidar, Telma relaciona tal sintoma ao ciclo de desamor, morte e domínio, sendo a infertilidade a única herança. O processo analítico anterior à gestação a ajudou a encontrar os possíveis sentidos para sua vida, marcada pela forte presença de

uma mãe cuja história pessoal de violência e cerceamento subjetivo refletia na maneira de investir afetivamente na filha. A falta de espaço e o excesso de cobranças gerou, segundo suas palavras, “um deserto árido”, do qual ela e a irmã desejavam escapar, ambas encontrando dificuldades para engravidar. O desejo de romper com o ciclo de violência e de morte que aparece em sua fala revela uma dubiedade de sentido, pois Telma diz que a história da família termina com a chegada dos dois meninos: o filho e o sobrinho.

Em suas memórias de infância, vemos a imagem viva dos pais e do fundo emocional conflituoso que abrigava a cena familiar, marcada pelo conflito edípico e pela disputa, entre mãe e filha, pelo amor do pai (e do marido):

Eu lembro dela gritando o dia inteiro. Ela gritava muito. Meu pai... nunca teve aí pra ela, né? Mas meu pai quando eu nasci ele me amou. Então, ali eu acho que ela achou que eu roubei o amor do meu pai, que nunca foi dela na verdade. Então ela sempre teve uma relação muito ambivalente comigo, assim, que é esse negócio de ela... ter me feito pra eu dar amor pra ela, mas eu ter roubado o amor do esposo dela. Então sempre foi muito assim, um negócio de tentar me proteger pra eu não viver, pra eu estar segura, como uma forma de me acolher e de me proteger e de cuidar de mim, mas com muita violência, com muita violência embutida, emocional.

Eu cresci com minha mãe dizendo que eu fazia os meus pais brigarem. Que eu fazia de tudo pra colocar fogo no circo... Imagina, eu tinha 4 anos! Ela dizia que meu pai não a amava mais por minha causa e que eu tinha destruído a relação amorosa dela. E que porque ela me teve, então não pôde mais trabalhar. Mas ela nunca trabalhou! Pra mim, o que eu tinha de criança é: eu nasci

pra destruir a vida da minha mãe, porque eu destruí a vida profissional, a vida amorosa dela, então assim, eu sou, eu sou um monstro.

A mãe (agora avó) mal-amada pela própria mãe e também pelo marido gera nesta menininha fantasias quanto à sua própria existência: com o poder de destruir a vida da mãe com sua chegada na relação dos pais, ela se sente um monstro.

Ab'Saber (2005) fala em “algumas formas próprias de um ser (formas psicanalíticas) a partir do efeito e das ‘deformações’ específicas que ele pode criar sobre a alma de um outro ser, seu objeto” (p. 27). E continua:

Trata-se de uma hipótese que tem a forma de uma matriz fotográfica: algo da constituição de nosso ego, ou da natureza de nossas ansiedades e defesas, está relacionado e é mantido pela forma da ansiedade e do uso que o outro, com quem mantemos laços libidinais, faz de nós. Assim, haveria em nós algo que é a imagem impressa, mas invertida, da forma psíquica do outro. (p. 27)

É preciso lembrar que Telma é compositora e, portanto, apesar do controle excessivo da mãe, conseguiu construir seu próprio espaço criativo. Mas, apesar do talento e dos recursos dos quais faz uso para construir um caminho próprio, mais livre e produtivo (em contraposição às projeções de destrutividade vindas da mãe), fantasia que o filho nascerá com algum defeito, tão frágil é sua capacidade de reconhecer e acreditar em seus próprios elementos subjetivos.

Ali estão, nessa jovem mulher, as inscrições de sua história sob a forma de, como propõe Ab'Saber (2004), um aprisionamento “continente das ansiedades não elaboradas de sua mãe” (p. 25). Em

contraposição ao encantamento do pai pela menina “desde sempre artista”, observamos ressentimento e culpabilização por parte da mãe “mal-amada”. Resta-lhe resistir, por meio da arte, mas restam-lhe também ressentimento, dor e a provável infertilidade.

Porque aí eu fiquei grávida, mas eu demorei pra entender e acreditar que eu tava grávida. Porque tem uma coisa dentro de mim: eu sou artista, eu sou artista desde pequenininha. Minha alma é de artista. Então pra minha mãe, eu era uma pessoa que não era prática. Minha mãe passou a vida inteira dela tentando me consertar. Tentando me transformar em uma pessoa prática. Então eu passei a minha vida inteira tentando provar pra ela que eu conseguia fazer as coisas do meu jeito e que eram brilhantes e que não iam ficar devendo pras outras pessoas que fazem as coisas normais. Mas isso faz com que eu sempre ache que eu tô fazendo as coisas erradas ou malfeitas. Então quando eu fiquei grávida eu falei: eu vou fazer um filho sem uma mão... Eu vou ser incapaz de criar uma criança que seja perfeita. Então eu passei a minha gravidez inteira com medo disso, de que... ele não fosse perfeito. De que ele tivesse problema de... sei lá, autismo, de síndrome de Down, de tudo.

Fica evidente a intensidade do trabalho psíquico necessário para que ela pudesse acreditar em sua capacidade não só de gerar, mas de gerar uma vida inteira, com condições de se desenvolver saudavelmente. Sem se sentir amada e, ao mesmo tempo, ao se sentir culpabilizada pelas mazelas maternas, Telma encontra na arte seu espaço criativo e, por que não, curativo. Em seu percurso particular, busca formas de tratar as feridas de sua história desamorosa, mas, ao engravidar, precisa de tempo: tempo de abertura de espaço para

que as fantasias destrutivas e maciças pudessem encontrar outra saída, que não o bebê ainda por vir. Sua fala sobre o filho denota um esforço de acolhimento que, por vezes, parece ultrapassar seus próprios limites, como se fosse necessário oferecer tudo, mesmo aquilo que não se tem.

Teve um dia que ele mamou durante sete horas, sem parar. Eu tirava e ele chorava, então eu colocava de novo. E eu tava num estágio de exaustão, não tinha conseguido dormir direito, enfim... E daí depois de sete horas, eu tive um ataque de choro, porque eu não... eu falei, eu não vou dar conta assim. Eu não vou conseguir ser mãe desse jeito. Eu não sei, não nasci pra isso. Eu não vou conseguir... Daí nessa última semana eu consegui voltar a compor, porque eu tive que retomar as coisas. E todo dia eu compo-nho um pouco. Tá sendo importante. E nisso de eu voltar a compor, o primeiro dia eu falei ah, finalmente, aquele negócio de ter que fazer alguma coisa que eu goste, que me faz sentir... Mas quando eu comecei a compor e eu comecei a ouvir a peça e eu comecei a entender do que falava a peça, eu entendi que essa peça é o meu epitáfio. E isso é pesado pra caralho. Porque... é realmente aquele pedaço em que eu passei dos limites, né?

A dúvida de Telma quanto à sua capacidade de cuidar e acolher parece passar por sua dificuldade de encontrar os próprios limites. Entre a fantasia de não ter recebido nada além de ódio e aridez relacional, Telma deseja oferecer tudo, e o autocuidado necessário para estar inteira parece ainda não encontrar lugar nesta nova condição, na qual a dedicação é importante, mas o encontro com seus limites internos também.

Entre a sensação de perda de limites e a impossibilidade de oferecer cuidado e acolhimento, temos uma mãe desejosa de fazer tudo diferente, de romper com o ciclo de violência e desamor, produzindo o que chamou de “transmutação”. É preciso tempo relacional para que o bebê real e a mãe que acabam de nascer se encontrem e se vejam. Mas, além do tempo, são necessários abertura, cuidado e paciência, para que as fantasias destrutivas e maciças não se instalem, criando a possibilidade de encontro com este novo que chega e começa a se apresentar.

Se retomarmos a cena do nascimento, podemos criar uma imagem da posição que cada membro familiar ocupa no momento em que o bebê emerge. Onde e como se encontram as figuras parentais dos filhos que, neste momento exato, se convertem em pais? O relato de Telma revela a imagem do lugar interno que cada membro constitutivo de sua história ocupa em seu psiquismo. Como estão posicionados e como eles mesmos recebem o bebê que chega? E o quão impactante é a força dos sentimentos, intensos e contraditórios: amor, ódio, ciúme, abandono. Cabe pensar como se dá o impacto do inconsciente, inscrito em cada figura geracional, e como ele se manifesta com a chegada do bebê: este novo, este vir a ser possível, viável, receptivo e aberto para as inscrições que virão de uma mãe da qual nada se sabe, uma vez que ela é também um vir a ser, marcada, machucada, fundada por sua própria história familiar e seu desejo genuíno de transformação.

Acreditar em um bebê saudável, inteiro, acreditar que é possível oferecer cuidado, amor e continuidade, passa pela experiência e pelo acontecimento do encontro. Porém, a história de exclusão, culpabilização e violência por vezes a invade, colocando-a face a face com sua própria vulnerabilidade. Em sua condição de não saber, ansiosa por oferecer tudo o que pode, Telma tem dificuldade de se escutar e, ao voltar a compor, vê-se criando o próprio epitáfio.

Sua fala nos aproxima, inevitavelmente, da ideia de que a chegada de um filho é marcada por morte e por renascimento. Podemos pensar que essa peça, que ela sugere que seja seu epitáfio, trate, quem sabe, da possibilidade de saída do deserto na direção da fertilidade e do cuidado. Nesse sentido, o epitáfio, como Telma propõe e entende a composição do novo trabalho, trataria, talvez, da morte, mas também do renascimento, sob novas condições, em um novo solo, em uma paisagem em transformação, como novas notas ainda a serem compostas, agora a três.

A radicalidade do arrependimento e a necessidade de legitimar a dor

Para dialogar com a pesquisa histórica de Elisabeth Badinter (1980), recorro a um trabalho mais recente: uma pesquisa que deu origem a um livro de título *Mães arrependidas – Um estudo (Regretting motherhood – A study)*, de Orna Donath (2017). A autora vai ainda mais longe ao tratar da radicalidade presente na transição para a maternidade.

Donath desenvolve uma pesquisa na qual entrevista mulheres que se dizem arrependidas de terem se tornado mães. Em seu trabalho, chama atenção para o fato de que já sabemos que a maternidade pode ser muito significativa para as mulheres, trazendo à tona sentimentos como plenitude, alegria, amor, conforto. Também sabemos que pode ser marcada por tensões e ambivalência, suscitando sentimentos como frustração, culpa, vergonha e desapontamento, podendo ainda reduzir a independência feminina. Para a autora, tal perspectiva nos permite compreender que, como seres humanos que são, de forma consciente ou inconsciente, mães podem machucar, abusar e, por vezes, matar. Ainda assim, afirma, ansiamos que a imagem mitológica da “Mãe” permaneça intacta.

A maternidade é uma travessia, e também um atravessamento. Rua que se abre na vida de quem é concernido por ela, às vezes como via de mão única. Paula Nogueira acende lâmpadas nesse rumo, alcançando a proeza de unir um ponto de vista teórico agudo e a percepção atenta dos fatos expressa pela palavra sensível. A autora nos guia na compreensão do desafio da maternidade, fenômeno que somente os ingênuos podem ainda considerar natural.

Certo é que não há nada mais definitivo do que a maternidade quando se trata de fazer a descoberta da alteridade que constitui nosso ser. Com ela, entendemos que o contrário do nascimento não é a morte, mas o abandono e o desamparo. Diante da mística da maternidade, que apaga o fato existencial do nascimento, este livro nos habilita à reflexão e, nos aproximando do ato definitivo de dar à luz, emociona como se pudéssemos entender o que nascer e fazer nascer pode significar.

Márcia Tiburi

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-591-6

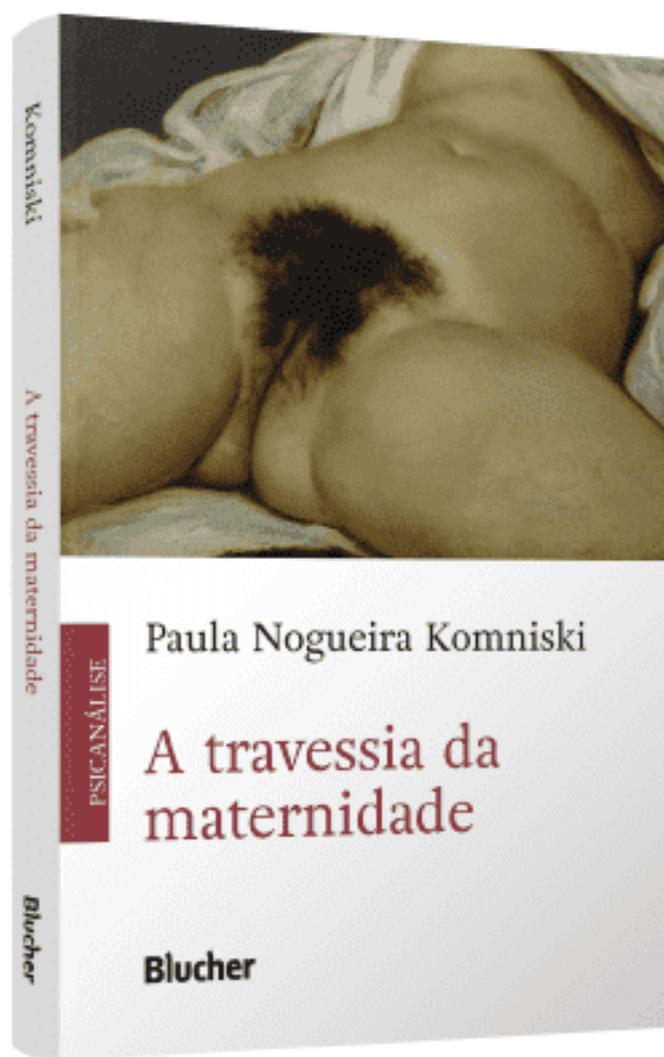


9 786555 065916



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A travessia da maternidade

Paula Nogueira Komniski

ISBN: 9786555065916

Páginas: 270

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
